

ARTIGO

Recebido em:
05/09/2012

Aceito em:
17/01/2013

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 36, p.1-22, jan./abr., 2013. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2013v18n36p1

Enfoques da informação presentes em diferentes publicações periódicas brasileiras da área de Ciência da Informação

Approaches on information presented in different brazilian periodicals from the area of Information Science

Nadia Aurora VANTI¹

Bruna Laís Campos do NASCIMENTO²

Carla Beatriz Marques FELIPE³

RESUMO

Mapeamento dos enfoques sobre informação presentes em diferentes publicações periódicas brasileiras da área de Ciência da Informação a partir de três orientações conceituais: Informação para negócios, Informação para a cidadania e Informação para a emancipação. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a pesquisa qualitativa e quantitativa. Conclui-se que o conceito de informação adotado nos artigos analisados varia conforme a orientação teórica abordada pelos autores, sendo que para cada uma delas é utilizado um conjunto de termos que a identifica. Também foi possível constatar que o enfoque mais presente nos periódicos analisados é Informação para negócios.

PALAVRAS-CHAVE: Enfoques sobre informação. Informação para negócios. Informação para a cidadania. Informação para a emancipação. Análise qualitativa e quantitativa.

ABSTRACT

This article aims at mapping approaches on information presented in different Brazilian periodicals from the area of Information Science, regarding three conceptual guidelines: Business information, citizenship information and information for emancipation. The methodological approach encompassed a review of literature and qualitative and quantitative analysis. We conclude that the concept of information adopted in the articles analyzed varies



v. 18, n. 36, 2013.
p. 1-22
ISSN 1518-2924

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - nvanti@ufrnet.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte - brunalays2009@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - beatriz_13@hotmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

according to the theoretical framework addressed by the authors, and for each of them is used a set of terms that identifies it as such. It was also possible to observe that the more recurring focus in the analyzed journals was Business information.

KEYWORDS: Approaches on Information. Business information. Information for citizenship. Information for emancipation. Qualitative and quantitative analysis.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia, como uma ciência pautada por uma prática social, é uma disciplina que se desenvolveu a partir do movimento de criação e disseminação das bibliotecas públicas, consideradas como agências educacionais de massa e de democratização da cultura, no século XIX. A moderna Biblioteconomia foi iniciada por Melvil Dewey em 1876, a partir da classificação das ciências, ao utilizar números decimais para agrupá-las. No entanto, segundo Souza (1986), a Biblioteconomia ainda não possui um corpo definido de teorias e leis que fundamente as suas práticas. Tanto que, até os dias de hoje, nem a Arquivística, nem a Biblioteconomia e tampouco a Museologia podem ser consideradas como ciência (SILVA, 2002), se tornando mais difícil ainda essa possibilidade se for tomado em conta o perfil dessas disciplinas, todas fundamentadas teoricamente nas suas funções técnicas.

A Documentação, sistematizada e desenvolvida por Paul Otlet e Henri La Fontaine nos finais do século XX, apresentou-se como uma disciplina distinta da Biblioteconomia pelo fato de se voltar para o acesso aos conteúdos dos documentos (ORTEGA, 2004).

A Ciência da Informação, surgida nas décadas de 1950 e 1960, está estritamente ligada ao advento da Sociedade da Informação e das Tecnologias da Informação e Comunicação, momento em que a informação passa a ocupar um lugar crescente na vida econômica, social, cultural e política das diferentes nações. As mudanças ocorridas na sociedade provocaram também uma mudança epistemológica: o foco passou a ser a informação e não mais o seu suporte.

A pesquisa em Ciência da Informação se desenvolveu em função da necessidade social de resolver o problema da produção da informação em grande escala e da dificuldade de processá-la e torná-la acessível aos interessados. A preocupação fundamental, nos primeiros momentos, era a utilidade, a eficácia, ou seja, a sua aplicabilidade. Isso fez com que a reflexão teórica ficasse de lado, atrasando-se em relação à prática no campo da Ciência da Informação. (LE COADIC, 2004; CASTELLS, 2001). Justamente, uma das lacunas da área mais apontadas na literatura é a insuficiência de um quadro teórico que fundamente as suas abordagens epistemológicas e metodológicas.

O objeto dessa disciplina, a informação, é vista e conceituada sob diferentes aspectos, dependendo do seu uso, do momento histórico e da perspectiva filosófica e política de cada autor. Neste sentido, Shannon e Weaver (1949) foram os primeiros autores a ver a informação como um processo comunicativo que se efetiva quando existe um emissor, uma mensagem e um receptor (Teoria da Informação). Belkin e Robertson (1976 *apud* BRAGA, 1995) entendem informação como aquilo que é capaz de transformar estruturas. Já para Braga (1995), a combinação de um estímulo externo, uma reordenação mental e uma designação podem ser vistas como uma aproximação ao conceito de informação.

A informação também é entendida por outros autores como redutora de incertezas, auxiliar no processo de decisão, provocadora de mudanças, entre tantas outras acepções. Devido à falta de consenso na definição desse fenômeno, das dificuldades teóricas e filosóficas provenientes da discussão do conceito de informação e dos problemas a ele relacionados é que Luciano Fiori (2002, *apud* MATHEUS, 2005) propõe a criação de uma área de pesquisa para abordar as discussões teóricas relativas à Ciência da Informação que deixe num segundo plano a parte empírica.

Tendo em vista a importância de tal proposta, procura-se, neste trabalho, verificar a tendência da pesquisa na área de Ciência da Informação no Brasil, suas potencialidades e limitações, por meio do estudo de determinados enfoques sobre a informação presentes em publicações periódicas, como forma de mapear as diferentes concepções em torno desse fenômeno. Nesse sentido,

resolveu-se trabalhar com três grandes orientações teóricas, a saber: “Informação para negócios”, “Informação para a cidadania” e “Informação para a emancipação”. A proposta é determinar o desenvolvimento e a presença de cada orientação epistemológica a partir do que se expressa na produção científica da área de Ciência da Informação no Brasil.

2 INFORMAÇÃO PARA NEGÓCIOS

No mundo globalizado, onde o capitalismo é vivenciado na sua forma mais profunda, a concepção “Informação para negócios” vem sendo bastante abordada e discutida, seja na área da administração, ou em outras afins, como é o caso da Ciência da Informação.

A informação, nesse contexto globalizado, apresenta uma conotação própria. Passa a ser considerada como um produto que apresenta valor de uso e, principalmente, valor de troca.

Embora na esfera pública, especialmente nas instituições que adotam o modelo gerencial, se perceba a adoção dessa concepção, são as empresas, na sua grande maioria, que efetivamente fazem uso da informação para negócios, com a finalidade de obter um diferencial nos seus serviços ou produtos visando atrair clientes e, principalmente, impulsionar as suas vendas.

Cendón (2002), no artigo *Bases de dados de informação para negócios*, apresenta uma série de elementos que expressam uma concepção da informação orientada para os negócios. Dentre tais elementos, cabe destacar aquele que diz respeito ao uso desse recurso para a tomada de decisões, o desenvolvimento de novos produtos e serviços, a busca de um diferencial no atual mercado competitivo e, também, o uso o do termo “cliente”. Nas palavras da própria autora: “a informação é um dos principais insumos para a tomada de decisão em organizações” (CENDÓN, 2002, p. 30).

Cendón (2002, p. 30), ainda neste artigo, volta a reafirmar a sua visão em relação ao mesmo enfoque sobre informação quando afirma que “na tomada de decisões empresariais, a informação para negócios é usada para redução de

incertezas, monitoração da concorrência, identificação de ameaças e oportunidades e melhoria da competitividade.”

Entendimento semelhante se verifica no artigo de Vernon (1984 apud BORGES, CAMPELLO, 1997, p. 150), no qual o autor apresenta a sua definição de informação para negócios:

Informações para negócios são dados, fatos e estatísticas publicados, necessários à tomada de decisão nas organizações de negócios, públicas ou privadas, bem como no governo. Inclui informações mercadológicas, financeiras, sobre bancos e empresas, leis e regulamentos de impostos, informações econômicas e comerciais, bem como informação factual sobre o ambiente no qual os negócios se realizam.

Nessa mesma linha, Duarte (2000, p. 25) também expressa semelhante percepção com relação à informação para negócios:

A informação é um dos principais insumos para tomada de decisão, seja para empresas públicas, privadas ou governamentais. O conjunto de informações externas à empresa, utilizadas pelos executivos para redução de incertezas, frente ao ambiente de negócios, têm sido chamadas de informação para negócios.

Conforme os conceitos expostos pelos distintos autores, é notório que o conceito atribuído à informação para negócios está diretamente voltado para o sucesso das organizações, no sentido de dirimir dúvidas, obter um diferencial nos seus serviços ou produtos visando atrair clientes e, principalmente, impulsionar vendas.

3 INFORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

Cidadania tem sido um termo muito corrente no discurso de vários agentes sociais, como comunicadores, políticos, dirigentes e tantos outros que se mostram preocupados com os caminhos que a sociedade pode tomar. Percebe-se, entretanto, que essa palavra tem sido empregada de forma

exaustiva por esses mesmos atores, na maior parte das vezes, para ganhar a simpatia do público, do eleitor e do próprio cidadão.

A cidadania, na verdade, está intimamente ligada à democracia, à luta por mais direitos, maior liberdade, melhores garantias individuais e coletivas frente ao possível domínio do Estado ou de outras instituições. Conseqüentemente, nesse contexto há um repúdio ao privilégio, à opressão e às injustiças contra os menos favorecidos.

Para alcançar a cidadania, no entanto, é necessário ter consciência de que se é sujeito com direitos. E é por meio da informação que se adquire o conhecimento necessário para ter essa consciência e para lutar pelos próprios direitos.

Nesse sentido, a UNESCO (1997, p. 281, tradução nossa), em seu World Information Report 1997/98, é muito clara quando se refere a este tema:

Há uma grande diferença entre ter um direito e poder exercê-lo. Pessoas pouco informadas se vêem frequentemente privadas dos seus direitos porque lhes falta o poder para o seu exercício. O acesso à informação é um direito que temos, como o acesso à justiça, e deveria ser assegurado gratuitamente como outros serviços públicos.

Santos et al. (2008, p. 215) são alguns dos autores que manifestam essa opinião quando apontam que “a informação é um pressuposto básico para o exercício da cidadania. É por meio do acesso a informações que o cidadão tem condições de conhecer e cumprir seus deveres, bem como de entender e reivindicar seus direitos.” Para esses autores, o processo da construção da cidadania se dá através do acesso à informação, à educação e à leitura, pois para eles é através do acesso a tais recursos que o cidadão toma conhecimento dos seus direitos e deveres, pois o processo educacional transforma toda a visão de mundo do cidadão.

Torna-se evidente que é através do acesso a informação que o cidadão pode se incluir no grupo social e passar a ser um agente ativo na construção de uma sociedade melhor para si e para os outros. Para Silveira (2000, p. 86 apud SILVA, 2001, p. 6), “a participação do cidadão acontece na proporção em que ele

acredita em sua própria voz e tem canais adequados para manifestação.” Sobre essa questão, Araújo (1991) afirma que:

A relação entre informação e cidadania [...] caracteriza-se pelo elemento diretamente político, ou seja, a informação pode auxiliar na construção de espaços sociais de cidadania, entretanto tal fato só ocorrerá se a mesma for gerada para a ação política de forma direta, ou ainda, se for recebida e analisada a partir de necessidades específicas e transferida para atender a estas mesmas necessidades.

O problema que se apresenta, de forma geral, é que a produção da informação é um procedimento realizado de baixo para cima. A informação é produzida e organizada pela sociedade para auxílio às decisões e ações de governos, bancos, empresas, ou mesmo para fins acadêmicos. A sociedade civil, portanto, fornece informações para que os centros de decisão possam ter o conhecimento necessário para defender ou assegurar os seus próprios interesses. Para que a cidadania seja plenamente exercida é fundamental que o conjunto da sociedade seja adequadamente informado para, assim, poder participar das decisões sobre o seu destino.

4. INFORMAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO

Emancipação é um termo que comporta distintas acepções, dependendo do contexto em que está inserido. De forma geral, emancipação significa o ato de tornar livre ou independente. Em Filosofia, emancipação é entendida como a luta das minorias por seus direitos políticos e de igualdade enquanto cidadãos. Na Política, de acordo com Marx (1848), a emancipação comporta a cidadania, pois esta é considerada como parte integrante do que ele denomina emancipação política. E na Sociologia, a emancipação é identificada com a realização da autonomia enquanto ação coletiva, a autonomia no sentido de compor o imaginário libertário e impulsionar, de forma espontânea ou induzida, as reivindicações e as práticas que se opõem às normas arbitrárias, às hierarquias opressoras e à racionalidade produtivista privada (CATTANI, 2006).

No entanto, sem a informação que propicie o conhecimento das distorções e injustiças que ocorrem na sociedade, dos direitos que são negados aos trabalhadores, aos menos favorecidos, àqueles que não têm acesso ao bem estar, é difícil construir uma reivindicação coletiva pela igualdade social e política enquanto cidadãos e não há como se chegar ao ideal de emancipação almejado.

Nessa perspectiva teórica, um dos pontos abordados pelos autores que se dedicam a esses estudos é o poder de transformação social da informação, especialmente quando veiculada em meios de comunicação de massa. Para eles, esses dois elementos associados permitem a utilização do conhecimento gerado para promover transformações, revoluções e mudanças de paradigmas. Nesse sentido Araújo (1991, p. 37) afirma:

A informação é a mais poderosa força de transformação do homem. O poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo.

Por este motivo, é importante que haja uma democratização da informação, ou seja, que ela chegue a todas as camadas da sociedade da mesma forma. No discurso dos poucos autores que têm se dedicado a essa orientação teórica, nota-se a preocupação com a veiculação da informação como forma de suprir e promover as transformações sociais. Alves (1997, p. 15) é um autor que reconhece a importância desse tipo de ação, quando assevera que:

O processo de veiculação da informação é capaz, dentre outras coisas, de promover modificações na forma de olhar e explorar o mundo. Desta forma, quanto maior for a circulação e usufruição da informação, mais abundantes serão as revoluções e transformações que ocorrerão na sociedade. Deste modo, a circulação da informação também tem sido responsável pela efusão das revoluções científicas e constantes quebras de paradigmas.

Demo (1990 *apud* LIMA, 1998) associa emancipação à análise crítica, às reflexões, aos questionamentos sobre os conteúdos sociais e culturais que vivenciamos. Como é possível analisar criticamente algo, refletir e

questionar sem ter a informação necessária para isso? Informação para emancipação, portanto, estaria mais próxima de informação para a mudança.

Outro autor que partilha desse enfoque da informação já assevera que os processos que envolvem a emancipação dependem do próprio sujeito e da sua socialização:

Os processos de emancipação e de cidadania dependem, em grande parte, do próprio sujeito social e das suas etapas de socialização. Dá-se de dentro para fora como qualquer outro processo educativo, iniciando-se com uma postura crítica de reconhecimento e recusa das suas condições de existência [...] (LIMA, 1998, p. 161).

O enfoque informação para a emancipação ainda é pouco abordado no âmbito da Ciência da Informação. No entanto, os autores que se dedicam a essa perspectiva teórica ressaltam a importância da veiculação e circulação da informação, do acesso igualitário a ela, da informação como propulsora de mudanças e transformações sociais e da socialização do próprio sujeito para que adquira uma postura crítica diante das condições de vida existentes, possibilitando, assim, a mudança.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o estabelecimento do mapa das diferentes concepções em torno do fenômeno informação foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa dos artigos publicados em três revistas brasileiras bem conceituadas na área de Ciência da Informação e com uma boa avaliação pelo Qualis/CAPES na área de Ciência Aplicadas I, sejam elas: *Ciência da Informação* (A2), *Informação e Sociedade* (B1) e *Perspectivas em Ciência da Informação* (A2)⁴. A ideia foi examinar tais revistas no período de duas décadas, abrangendo os anos de 1991 a 2010. Tal análise exigiu da equipe de pesquisa a leitura dos resumos de todos os artigos publicados nesses veículos no período assinalado (1991 a 2010) e, quando o resumo não foi suficiente para determinar a orientação teórica do autor, a leitura do artigo foi feita na íntegra.

⁴ Revista lançada em 1996, em substituição à Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

O tipo de estudo que aqui se realizou exigiu, por parte dos investigadores, tarefas que não podiam ser realizadas de forma automatizada, como busca por palavra-chave, por exemplo, pois o que se pretendeu elucidar foi o conceito de informação com qual cada autor trabalha dentro da sua perspectiva teórica. Esse conceito, em alguns casos, se fez explícito já no próprio título ou em algumas frases destacadas do texto ou então no resumo, porém, em muitos outros casos, a concepção estava subjacente ou aparecia de forma implícita na fundamentação, justificativa, argumentação ou instrumentos escolhidos por cada autor, ou seja, no decorrer do próprio texto. Foram também observados, nos artigos levantados, quais os termos e expressões mais utilizados e que poderiam caracterizar cada orientação teórica em discussão.

A pesquisa quantitativa foi utilizada para o estabelecimento das perspectivas mais abordadas dentre as três citadas, de acordo com o título do periódico e do período analisado. A coleta, a análise e a categorização dos dados foram feitas por dois pesquisadores que avaliaram em conjunto cada um dos casos para maior segurança nos resultados obtidos.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No decorrer deste estudo foi possível constatar que o conceito de informação adotado nos artigos analisados varia conforme a orientação teórica abordada.

Assim, os autores que têm como alvo de suas publicações a perspectiva Informações para negócios, a mais focada dentre as orientações conceituais mencionadas, tendem a utilizar determinados termos comumente encontrados em textos da área de Administração e a entender informação como:

- o principal insumo para a tomada de decisões;
- todo o tipo de informação mercadológica e financeira sobre bancos e empresas, leis e regulamentos de impostos, informações econômicas e comerciais; dados, fatos e estatísticas publicados, bem como informação baseada em fatos sobre o ambiente onde os negócios se realizam;

- necessária para tirar dúvidas, monitorar a concorrência, evitar ameaças, identificar oportunidades, criar produtos e serviços atrativos aos clientes, melhorar a competitividade e impulsionar as vendas. (CENDÓN, 2002; VERNON, 1984 *apud* BORGES, CAMPELLO, 1997; DUARTE, 2000).

Entretanto, quando a orientação epistemológica da informação está ligada à cidadania, a concepção de informação toma outra forma, mais próxima da área de Sociologia. Os autores que escrevem de acordo com esta perspectiva costumam associar informação a outros elementos. Para eles, a informação é vista como:

- o pressuposto básico para a cidadania;
- auxiliadora da construção de espaços sociais ao cidadão;
- necessária para que o cidadão possa conhecer e cumprir seus deveres, bem como entender e reivindicar seus direitos, desde que acessível a todos de forma igualitária;
- geradora da ação política de forma direta quando recebida e analisada a partir de necessidades específicas e transferida para atender a essas mesmas necessidades (TARGINO, 1991; SANTOS et al., 2008; SILVEIRA *apud* SILVA, 2001; ARAÚJO, 1991).

Por fim, no que se refere ao enfoque Informação para a Emancipação, cabe dizer que esta é a perspectiva teórica menos abordada das três no estudo realizado, possivelmente por se tratar de uma orientação mais distante da Ciência da Informação e mais próxima da Ciência Política. A informação, nesse caso, encontra respaldo em percepções, tais como:

- é a mais poderosa força de transformação do homem;
- o seu poder, aliado aos atuais meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade;
- o seu processo de veiculação pode promover modificações na forma de olhar e explorar o mundo;
- a sua relação com a cidadania e a sociedade impulsiona a evolução do indivíduo e possibilita a conscientização dos sujeitos, comunidades e nações para navegar no espaço, rumo ao epicentro dos saberes;

- tem sido responsável pelo acontecimento das revoluções científicas e pelas constantes quebras de paradigmas.

No que diz respeito à análise quantitativa dos dados coletados referentes às três orientações teóricas escolhidas para a investigação, esta se inicia pela revista *Ciência da Informação*.

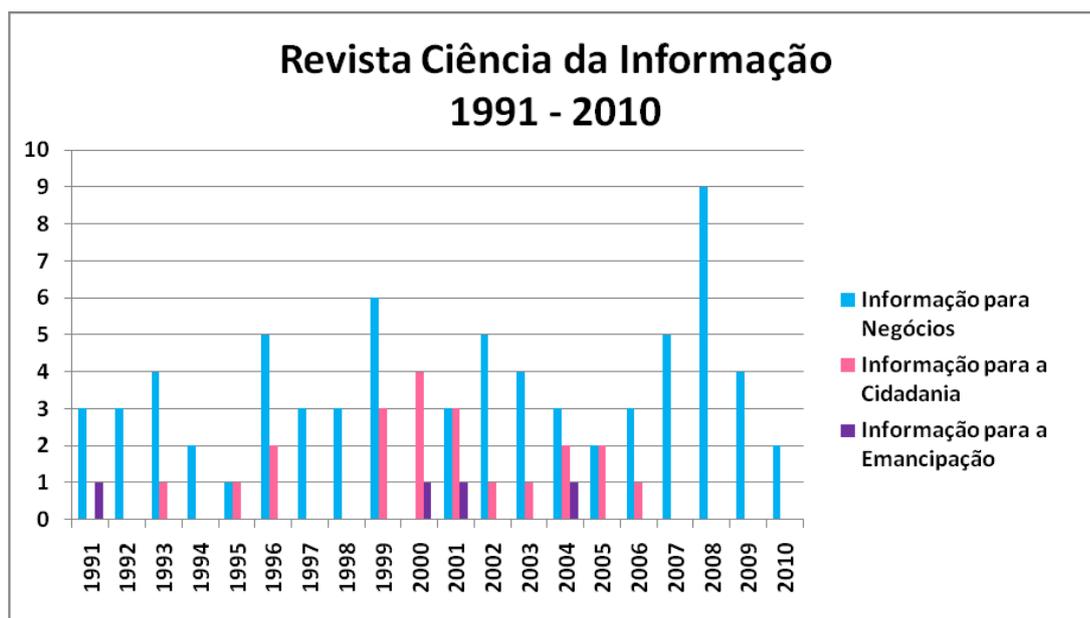


Gráfico 1 - Número de artigos que tratam dos três enfoques de informação estudados na revista *Ciência da Informação*

Fonte: Elaboração própria.

No período de 1991 a 2010 foram publicados 95 artigos ao todo, sendo que houve uma predominância da produção científica com o enfoque “Informação para Negócios” em quase todos os anos examinados. As exceções foram no ano de 1995, momento em que “Informação para a Cidadania” (01) obteve o mesmo número de artigos produzidos que “Informação para Negócios” (01), e 2000, quando não houve nenhuma ocorrência de artigos com essa última perspectiva, somente para “Informação para a Cidadania” (04) e “Informação para a Emancipação” (01). O seu pico ocorreu em 2008, quando “Informação para Negócios” alcançou o número de 09 artigos.

A segunda perspectiva mais abordada pelos autores da área dentro do período de abrangência foi “Informação para a Cidadania”, embora a produção

orientada por esse enfoque não tenha se mantido constante em todos os anos examinados. Pode-se observar, no gráfico 1, que tal perspectiva não se fez presente nos anos de 1991, 1992, 1994, 1997, 1998, 2007, 2008, 2009 e 2010. Entretanto, nos anos em que houve produção sob essa perspectiva, obteve-se um total de 21 artigos. E 2000 foi o ano em que se produziram mais artigos em relação aos outros: 04.

O terceiro e último enfoque abordado foi “Informação para a Emancipação”, que só se fez presente nos anos de 1991, 2000, 2001 e 2004. Foi detectado apenas um artigo com essa perspectiva para cada ano citado nesse periódico, ou seja, quatro ao todo.

De qualquer forma, o número total de artigos produzidos para Informação para Negócios nessas duas décadas foi muito maior do que para as outras duas perspectivas, totalizando 70, enquanto que para Informação para Cidadania esse número foi 21 e para Informação para a Emancipação foi somente 04.

O segundo periódico analisado foi a Revista Informação & Sociedade, para a qual obtiveram-se os seguintes resultados, conforme o gráfico 2:

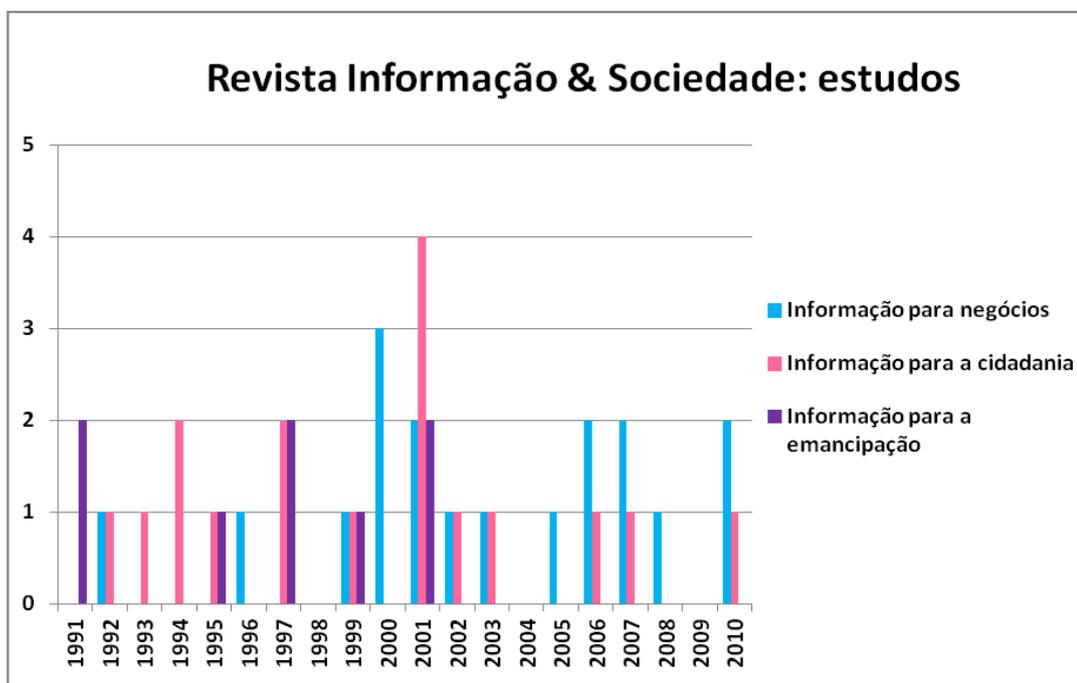


Gráfico 2 – Número de artigos que tratam dos três enfoques de informação estudados revista Informação & Sociedade: estudos

Fonte: Elaboração própria.

No mesmo período, a Revista Informação & Sociedade: estudos teve 43 artigos publicados. Nesse periódico houve um maior equilíbrio na quantidade de artigos que tratam dos temas “Informação para Negócios” (18) e “Informação para Cidadania” (17) no período analisado, enquanto que a perspectiva teórica “Informação para a Emancipação” foi a menos abordada, aparecendo, aqui, apenas em 08 artigos.

Em relação à análise do periódico anterior pode-se afirmar que este apresentou um número de artigos “Informação e Cidadania” compatível com o foco a que se destina, enquanto que o tema “Informação para a Emancipação”, assim como na revista anterior, apresentou poucas ocorrências.

A terceira e última publicação investigada foi a Revista de Biblioteconomia da UFMG, que mudou de nome em 1996 e passou a se chamar Perspectivas em Ciência da Informação, cujos resultados constam no gráfico 3, a seguir:

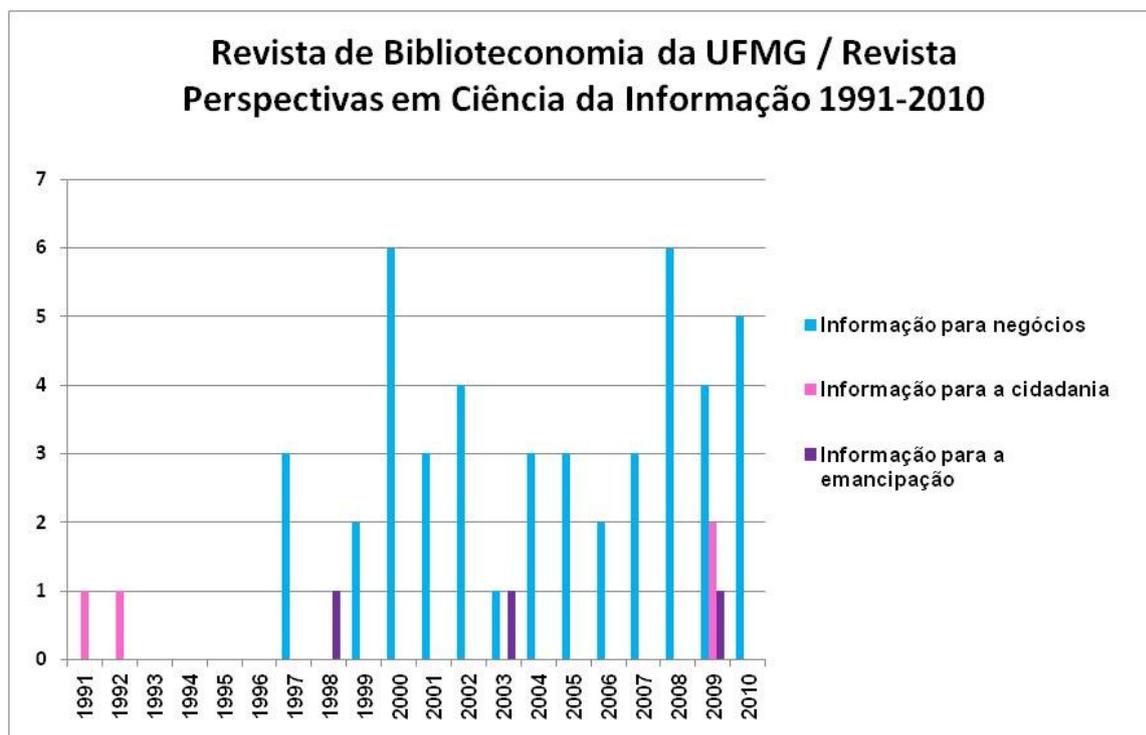


Gráfico 3 – Número de artigos que tratam dos três enfoques de informação estudados na Revista Perspectivas em Ciência da Informação

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito à publicação periódica *Perspectivas em Ciência da Informação*, houve ao todo 52 artigos. Cabe ressaltar que essa foi a revista que proporcionalmente mais publicou textos sobre o enfoque Informação para Negócios, com um total de 45 artigos em relação ao número total de publicações, o que significa um percentual de 86,5% de artigos com essa temática. Os anos de 2000 e 2008 foram os que mais se destacaram em relação a tal perspectiva, já que em cada um destes foram publicados 06 artigos.

Por outro lado, os outros dois enfoques foram muito pouco abordados: Informação para Cidadania teve uma produção de apenas 04 textos e Informação para a Emancipação foi focado somente 03 vezes em todos esses anos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi possível realizar um mapeamento dos enfoques sobre informação presentes em três diferentes publicações periódicas brasileiras da área de Ciência da Informação, tendo como diretriz orientações conceituais distintas: Informação para Negócios, Informação para a Cidadania e Informação para a Emancipação.

Pode-se constatar que cada uma delas apresenta a informação relacionada a termos e expressões com características próprias que as definem. Assim, os autores que se dedicam à informação para negócios utilizam um arcabouço terminológico próprio da área de Administração, empregando termos como “insumo para a tomada de decisões”, “informação mercadológica e econômica” e “produtos e serviços atrativos aos clientes”, por exemplo. Já os autores que têm como perspectiva epistemológica a informação para a cidadania ou informação para a emancipação utilizam termos mais próximos da área de Ciências Sociais, sendo que a primeira também se relaciona a área de Sociologia, como “pressuposto básico para a cidadania”, “espaços sociais ao [sic] cidadão”, “informação para que o cidadão possa conhecer e cumprir seus deveres, bem como de entender e reivindicar seus direitos, desde que acessível a todos de forma igualitária”. Além disso, os pesquisadores que se propõem a

escrever sobre a informação para a emancipação demonstram um claro viés da área de Ciência Política em seus textos, representados por expressões ligadas à informação, tais como “poderosa força de transformação do homem”, que “pode promover modificações na forma de olhar e explorar o mundo” ou que “impulsiona a evolução do indivíduo e possibilita a conscientização dos sujeitos [...]”, ou ainda, que “é responsável pelo acontecimento das revoluções científicas e pelas constantes quebras de paradigma”. Isso indica que além de cada orientação teórica possuir a sua linguagem característica de acordo com a área que esteja relacionada, a área Ciência da Informação demonstra ser interdisciplinar.

No que se refere aos distintos canais de divulgação científica da área da Ciência da Informação do Brasil representados, neste estudo, pelas revistas Ciência da Informação, Informação & Sociedade e Perspectivas em Ciência da Informação analisados no período de 1991 a 2010, foi possível verificar que na primeira revista citada, o tema Informação para Negócios (70) foi o mais abordado pelos autores dentre os três escolhidos para a análise, tendo Informação para a Cidadania (21) como o segundo colocado e Informação para a Emancipação (04) em terceiro lugar. Na Revista Informação & Sociedade, houve maior equilíbrio na abordagem dos referidos assuntos: Informação para Negócios (18), Informação para a Cidadania (17) e Informação para a Emancipação (08), mais compatível com o seu foco de estudos. Por fim, a Revista Perspectivas em Ciência da Informação foi a que mais se destacou na temática Informação para Negócios (45) no período analisado, tendo sido os outros dois enfoques pouco explorados: Informação para a Cidadania, em 04 artigos, e Informação para a Emancipação, em 03.

Conclui-se que o tema voltado à Informação para Negócios foi bem explorado em todas as revistas analisadas, enquanto que Informação para a Cidadania teve uma abordagem mais equilibrada, com Informação para negócios somente no segundo periódico, tendo espaço para ser mais explorado nas outras duas revistas estudadas. Já Informação para a Emancipação foi poucas vezes abordado nos distintos periódicos investigados, deixando uma lacuna na produção científica da área no que tange a esse enfoque da

informação. Fica um alerta aos pesquisadores em Ciência da Informação para que se dediquem um pouco mais às temáticas que tratem desses dois últimos enfoques, para que haja maior equilíbrio na produção de artigos em relação aos da área gerencial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Erinaldo. A informação, a cidadania e a arte: elos para a emancipação. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 12-25, jan./dez. 1997.

Disponível em:

<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/351/1598>. Acesso em: 18 jun. 2012.

ARAUJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. *Revista Ciência da Informação*, v. 20, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 1991. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1226/866>. Acesso em: 18 jun. 2012.

BORGES, Mônica Erichsen Nassif; CAMPELLO, Bernadete Santos. A organização da informação para negócios no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 149-161, jul./dez. 1997. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/5/418>>.

Acesso em: 18 jun. 2012.

BRAGA, G.M. 1995. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p.84-88, 1995.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CATTANI, Antonio David (Org.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Bases de dados de informação para negócios.

Revista Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 2, p. 30-43, maio/ago. 2002.

Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12906.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2012.

DUARTE, Luiz Otávio Borges. Informação para negócios na internet: estudo das necessidades informacionais da indústria moveleira de Minas Gerais.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 23-40, jan./jun. 2000. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/546>>.
Acesso em: 18 jun. 2012.

LE COADIC, Yves François. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, Raimundo Martins de. Práticas pedagógicas e emancipação: os (des)caminhos da cidadania na sociedade brasileira. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 157-173, jul./dez. 1998. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/604/373>>.
Acesso em: 18 jun. 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Manifesto do Partido Comunista*. Londres, 1948. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96724371/Manifesto-do-Partido-Comunista-Marx-e-Engels-1848>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.1 40-165, jul./dez. 2005.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero*, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 18 jun. 2012.

SANTOS, Elisângela Marina dos; DUARTE, Elizabeth Andrade; PRATA, Nilson Vidal. Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13 n. 3, set./dez. 2008.

SHANNON, C.E; WEAVER, W. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SILVA, Alzira Karla Araújo da. A sociedade da informação e o acesso à educação: uma interface necessária a caminho da cidadania. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, Paraíba, v. 11, n. 2, 2001.

SILVA, Armando B. Malheiro da. Arquivística, biblioteconomia e museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da ciência da informação. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS*, 1, 2002, São Paulo. Conferências, comunicações livres e pôsteres, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 573-607.

SOUZA, Sebastião. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 14, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, Informação e Cidadania. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.20, n.2, p. 149-160, jul./dez. 1991.

UNESCO. *World Information Report 1997/98*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 1997.

KELLY, G. *Princípios da Psicologia dos Construtos Pessoais*. New York: Norton, 1955. New York: Norton, 1955.

LANCASTER, F. W. *Construção e uso de tesauros: curso condensado*. Brasília: IBICT, 1987. 106 p.

MASTELLA, L. S. *Um modelo de conhecimento baseado em eventos para Aquisição e Representação de Seqüências Temporais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Instituto de Informática, UFRS, Porto Alegre.

MILTON, N.; CLARKE, D.; SHADBOLT, N. Knowledge engineering and psychology: Towards a closer relationship. *International Journal of Human-Computer Studies*, v. 64, n. 12, p. 1214-1229. 2006.

MILTON, N. R. *Knowledge acquisition in practice: a step-by-step guide*. Cranfield: Springer, 2007. 176p.

NATIONAL I. S.O. *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*, 2005. (ANSI/NISO Z39.19-2005). Disponível em: <<http://www.niso.org>>. Acesso: Abr. 2011.

NENADIC, G *et al.* Terminology-driven literature mining and knowledge acquisition in biomedicine. *International Journal of Medical Informatics*, v.67, n.1 p. 33-48, 2002.

NEWELL, A; SIMON, H.A. *Computer science as empirical inquiry: symbols and search*. 1975. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.104.2482&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso: 2 ago. 2010.

NILSSON, N. *The Physical Symbol System Hypothesis: Status and Prospects*.

Disponível em: <<http://ai.stanford.edu/~nilsson/OnlinePubs-Nils/PublishedPapers/pssh.pdf>>. Acesso: 20 set. 2010.

NONAKA, I. A Dynamic Theory of Organizational Knowledge Creation, Tokyo, *Organization Science*, v. 5, N. 1, Feb. 1994. Disponível em:

<<http://citeseer.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=57E73EC388700A1FF87FCCB5FA9E3C21?doi=10.1.1.115.2590&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso: Jun 2010.

OGDEN, C. K. *O significado de significado: um estudo da influencia da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 349p.

PAYNE, P,R et al. Conceptual knowledge acquisition in biomedicine: a methodological review. *J Biomedical Information*, 2007. v 40, n. 5, p. 82–602.

Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17482521>>. Acesso: Ago 2010.

SCHEUERMANN, R et al. Toward an ontological treatment of disease and diagnosis. *Proceeding of the 2009 Summit on Translational Bioinformatics*, San Francisco, CA, pp. 116-120.

SHADBOLT, N. et al. Laddering: technique and tool use in knowledge acquisition. *Knowledge Acquisition*, p. 315-341, 1994. Disponível em:

<<https://blog.itu.dk/SLR-F2010/files/2010/07/paper-1-pages-1-12-15.pdf>>. Acesso: Ago 2010.

SHADBOLT, N. Eliciting Expertise. *Evaluation of Human Work*. Ed. Taylor & Francis. 2005. Disponível em:

<http://eprints.ecs.soton.ac.uk/14563/1/Eliciting_Expertise.pdf>. Acesso: Jul 2010.

SHADBOLT, N.; SWALLOW, S. *Epistemics: Knowledge Acquisition*. (online)

Disponível em: <<http://www.epistemics.co.uk/Notes/63-0-0.htm>>. Acesso: Jul 2010.

SMITH, B. New Desiderata for Biomedical Terminologies. In Munn, K.; Smith, B. (Ed.). *Applied Ontology*. Frankfurt: Ontos Verlag, 2008. pp. 21 -39.

STEHR, H et al. PDBWiki: added value through community annotation of the Protein Data Bank. *Oxford Journals Life Sciences*, 2010. Disponível em: <<http://database.oxfordjournals.org/content/2010/baq009.full>>. Acesso: Set. 2010.

SOUZA, R.R; ALMEIDA, M.B. Representação do conhecimento: identidade ou esvaziamento da Ciência da informação? *IV Encontro Ibérico EDIBCIC 2009*, Coimbra, Portugal. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/EDIBCIC2009CoimbraFinal3a.pdf>>. Acesso: Abr. 2011.

TSUMOTO, S. Automated Knowledge Acquisition from Clinical Databases based on Rough Sets and Attribute-Oriented Generalization. *American Medical Informatics Association Symposium*. p. 548–552, 1998. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.138.1420>>. Acesso: Ago. 2010.

TURBAN, E. *Expert systems and applied artificial intelligence*. Ney York: Macmillan Publishing Company, 1992. 804 p.

VAN-AUKEN, K et al. Semi-automated curation of protein subcellular localization: a text mining-based approach to Gene Ontology (GO) Cellular Component curation. *BMC Bioinformatics*, 2000. Disponível em: <<http://www.biomedcentral.com/1471-2105/10/228>>. Acesso: Set. 2010.

VICKERY, B. C. Knowledge representation: a brief review. *Journal of Documentation*, London, v. 42, n. 3, p.145- 159, Sept. 1986.

VITA, R et al. Curation of complex, context-dependent immunological data. *BMC Bioinformatics*, v. 7, 2006. Disponível em: <<http://www.biomedcentral.com/1471-2105/7/341>>. Acesso: Set. 2010.

WANG, Y et al. Knowledge elicitation plug-in for Protégé: Card sorting and laddering. In: *The Semantic Web, ASWC*, v. 4185, p. 552-565, 2006. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.71.7546&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso: Set. 2010.

WOLF, R.; DELUGACH, H. S. *Knowledge Acquisition via tracked repertory grids*.
Computer Science Dept. Univ. Alabama in Huntsville, 1996. (relatório técnico).
Disponível em: <<http://www.cs.uah.edu/tech-reports/TR-UAH-CS-1996-02.pdf>>. Acesso. Jun. 2010.